

# MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15000.— SEMESTRE, 8000.— TRIMESTRE, 5000.— AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigência no escriptorio desta folha, rua do Cano n.º 169, e da Assembléa n.º 34

ANNO 1

DOMINGO 13 DE DEZEMBRO, DE 1863.

N. 9

Lith. de F. J. Monteiro & C. P. do Cano 169.

AGUA BENTA E . . .

POR BIXOU JUNIOR.



Nhonho diz que immortalisa a gente, vou sempre chegar este colônia, porque si elle cahir não quero que o Brasil tenha que lamentar uma grande desgraça!

## O HERRIMAC.

### Typos perigosos.

I.

#### X PEQUENO.

(Continuação do n. 8.)

— X pequeno.

X. é uma mulher encantadora, verdadeiro *bijou* humano na phrase do elegante escriptor do « Pere Camarade. »

E' em toda a extensão da palavra e do titulo — um typo perigoso, porque encanta, apaixona, seduz e maltracta.

X. é excessivamente caprichosa, possue intelligencia, e não vulgar, unindo a uma habilidade espantosa a penetração a mais admiravel. Dir-se-hia uma mulher de letras e do mais apurado estudo, no entanto *mirabile dictu* não sabe ler!

Sua estatura apezar de ser um pouco baixinha é esvelta e suas formas de uma regularidade artistica embellesão, entusiasmão e arrebatão ao mais pheugmatico Laponio.

A miopia dá lugar ao uso de uma luneta buliçosa e provocadora.

Seo olhar, pôde-se dizer como Alfredo de Musset — « E' um olhar que atravessa o objecto fictado, e que não morre no caminho. »

Todavia lança-o com uma indifferença estudada e onde o calculo somente é o môtore daquella imaginação fogosa.

Não tem amôr; na sua fronte vê-se aquelle estigma que o Fausto disse de Margarida.

Não poder amar!.. gasta descrente pelas orgias, é inteiramente sceptica, motivo por que conhece com maestria a arte da seducção e a emprega com grande vantagem e proveito. De Balsac disse de outra o mesmo que poderíamos dizer de X.— Chora para seduzir e seduz para enganar.—

O unico agente forte d'aquella alma gasta e perdida é a contrariedade, uma vez excitada no seu amôr proprio desenvolve a caricia e prodigalisa affectos de uma maneira prodigiosa. E' assim que pratica loucuras que parecem amôr sem ser.

Procede emfim como dice Eugenio Sue.

« Obstinação orgulhosa de um espirito impaciente com a resistencia da abnegação —mas não a obstinada dedicação da paixão. »

Ha no entanto nella uma corda sensivel que ainda a não souberão vibrar, e desgraçado de quem tiver essa louca pretenção!

Homens e jovens não vulgares têm sido victimas de um fogo lento que só ella sabe atear.

Mirrados e extorcedo-se nas ancias de uma morte phisica e moral conhecemos muitos moços que aliás erão dignos de melhor sorte.

Sua vida é turbulenta como a sua imaginação; frequenta os theatros, os Alcazares, os Hoteis, gosta dos vinhos generosos e sobretudo do champanhe de *la veuve Cliquot*, porque, diz ella, é o mais caro.

Ama apaixonadamente o luxo e viviria n'elle se houvesse quem o administrasse.

A proposito!.. mas contar-vos-hei mais tarde a historia de uma perola encontrada por um irmão das almas no Mangue do Aterrado, tirada do lôdo por esse servo de Deus, ella procura hoje encastoar-se, e representar n'esse diadema impuro da sociedade que lhe compete, a principal figura. E faz muito bem.

Deixando os desvios a que insensivelmente levou-me a pena, continuemos com o nosso typo faceiro e encantador.

X morando actualmente na Glória tem esperanças de ganhar o reino do céo por meio de uma regeneração evangélica que começará quando tiver os seus 50 annos. Não está muito longe d'isso porque já conta os seus 29 a 30.

Ha um facto na vida intima desta mulher que verdadeiramente sorprehende.

Muito em segredo meus caros leitores, vol-o contarei; mas haveis de prometter e jurar que nada lhe direi para que não se vingue de mim.

Não sou como o meu antecessor que abusando do seu estylo elegante e zombando da flexibilidade de sua pena achava que podia dizer as verdades duras e crudas sem ao menos atavia-las de modo que podessem comparecer ante vós: Não as direi eu porém procurarei contal-as sem que as minhas benevolas heroínas tenhão motivo de zangar-se commigo.

O 1º author dos « Typos perigosos » deixou de escrever porque não quer comprometter-se com esses *typos* que apezar de serem *perigosos* não deixão contudo de serem uteis e necessarios á vida que carece, de encantos e affagos para adoçar esta existencia tão pezada e cheia de decepções.

Não ha muito tempo que ouvi dizer a um amigo nosso.

« A mulher perdida é o ente mais necessário á sociedade: é ella o alvo, o objecto dos estudos romanticos-sociaes, e para o qual a mãe de familia deve olhar com a mais apurada attenção. »

A verdadeira moral caminha sempre a par de uma torpeza, esta é o fundo escuro: aquella, sublime relevo.

Mostrando-vos pois a vida cheia de tranzições, de lances difficeis, de decepções e cuidados que levão estas mulheres bastar-vos-hia citar os elegantes e verdadeiros versos de Eduardo Villas Boas.

« Trajando gallas nos encantos bella  
Caminha ella sem sauda-la alguém? »

Mostrando-vos pois como disse tenho convicção que ha nos meus escriptos o principio moral tão altamente apreciado.

D. CLARA.

(Continúa.)

## Historia commercial.

Era uma vez um negociante, que tinha uma mulher excessivamente desejosa de possuir custosos diamantes; — mas, não obstante ella ter interposto a sua protecção a favor de negocios muito importantes para seo marido, este achava sempre boas razões para espaçar o cumprimento d'uma promessa que fizera havia muito.

Um dia, tendo elle chegado da Praça, entrou no quarto de sua mulher.

— Minha amiga, lhe disse, ha muito tempo que desejas um enfeite de diamantes; não é assim?

— Mas já lhe perdi as esperanças, respondeu ella.

— Pois fizeste mal: é chegado o momento de os teres.

— Será possivel!

— E' verdade. Sofri hontem na Praça uma perda importante, que é necessario occultar.

— Nunca me déste tão boas razões para me negar o enfeite.

— Enganas-te; eil-o aqui.

E lançou sobre a mesa os diamantes maiores e mais bonitos que é possivel encontrar-se. A mulher vae examinal-os com avidez: fal-os brilhar á luz e lança o collar ao pescoço.

— Que bellos diamantes! exclamou.

— Que dirias, minha amiga, se visses estes diamantes n'outra mulher?

— O mesmo que digo agora: que são magnificos.

— E de seo marido?

— Que é um excellente homem, e o melhor e mais generoso dos maridos.

— E se te viesses dizer: — pois affirma-se que perdeu hontem na Praça consideraveis fundos?

— Ah! comprehendo!... Dizia: é impossivel, por que gastou uma grande porção de contos de réis, nos diamantes com que brindou sua mulher.

— Muito bem. Temos amanhã um *soirée*. E' necessario que appareças com os teos diamantes.

E apartarão-se.

No dia seguinte a mulher fez no baile uma grande colheita de admirações e de elogios ao seo rico enfeite, que lhe conquistou tambem não pouco odio e inveja da parte d'outras mulheres.

No outro dia pela manhã, a feliz esposa lia os jornaes em quanto sua creada a penteava. De repente pára n'um artigo, em que aparece seo marido designado por inicias.

No mesmo momento entrava elle. Sua mulher deitou o jornal para debaixo da mesa.

— Ainda não viste hoje os jornaes? perguntou ella.

— Os jornaes!... Ah! sim... ainda os não li! Todavia, falta aqui um... acrescentou procurando.

— Oh!... não viria. Ou talvez se perdesse, respondeo a esposa titubeando.

— Espera! Está ahi debaixo da mesa.

— Ah!... Não o tinha visto. Agora deixa-m'o lêr primeiro.

— Não, dou-t'o já: quero só lançar-lhe os olhos.

— Mas tu não deves lêr os jornaes... Que raça de jornalistas!...

— Que te fizerão? perguntou o marido com ar d'innocencia.

— Nada, fallo em geral.

— Mas que diz o jornal?

— Ouve... não se pôde impedir que os invejosos fallem... promettes-me uma cousa?

— O que?

— Que te não has-de zangar... Ha um artigo...

— Mas dizias que não tinhas lido!...

— E' que... os homens são tão ridiculos algumas vezes com o seo ponto de honra!...

— Vejamos pois!

E arrancando-lhe o jornal das mãos lêo alto, em quanto sua mulher tremia e estava pallida de susto:

« Ainda um escandalo! Ainda um destes lobos famintos, cuja fortuna insolente se forma dos despojos dos desgraçados! Parece que M. B. foi feliz n'alguma grande especulação, porque sua mulher apresentou-se hontem no baile de C... com tão bellos diamantes, que os entendedores lhes dão um preço fabuloso! »

— Ah! meu amigo, promettes-me?...

— Deixa-me; vou agradecer ao auctor! exclama o marido.

— Não faças motim.

— Como! E' um dos meos amigos!

— Comprehendo a tua indignação; mas...

— Quem te falla d'indignação? Vou agradecer-lhe, • convidal-o para almoçar comnosco.

— Mas... Um homem que te insultou!...

— Elle? ! O meu melhor amigo!

— Mas, este artigo?...

— Ah! O artigo... fui eu mesmo que o fiz; tenho só a agradecer-lhe por m'o ter publicado no seo jornal.

— Ora essa! Não comprehendo!

— Pois bem.— Vou esclarecer-te. Qual é a impressão que resulta desse artigo? Suppõe que não se tracta de mim, mas d'um outro homem; que pensarias tu desse... de quem se escreveo o que acabas de lêr?

— Que é um velhaco!

— Sim; mas um velhaco feliz... um velhaco que acaba de ganhar muito dinheiro. E' esse o meu fim. E que pensarias dos diamantes?

— Que forão dados e recebidos na peor occasião.

— Não é isso que pergunto... Que juizo farias dos diamantes, independentemente das circumstancias e das pessoas?

— Que são magnificos... até ao escandalo!

— Pois bem! eu soffri uma grande perda, e os teos diamantes são falsos!

— Grande Deos!

— Tranquillisa-te. — Estas linhas que tanto te irritarão são a marca do contraste dos teos diamantes, e ninguem se lembrará de que elles são falsos. Cada um dos que lerem este artigo, guardará na memoria a data da sua apparição e a prova incontestavel da sua belleza e merecimento. Ha quem goste mais de dizer mal d'um homem do que d'uma pedra. Tanto se fallará a favor dos teos diamantes, como contra mim! Brevemente lhes darão um preço fabuloso, e eu serei declarado velhaco escandaloso, mas rico, e terei assim readquirido o meu credito, por um momento abalado.

### SCENAS SOCIAES.

#### APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICOS HYBRIDOS, ETC.

##### Pretenções a Revista.

Uma seria observação tem provado que há uma certa espécie de gente, que embora tenha o dom intellectual rebustecido com alguns conhecimentos, não tem utilidade alguma na sociedade, pelo contrario torna-se verdadeiramente perigosa entre a gente modesta e sizuda.

E' grande a abundancia d'essa raça, que vem para este paiz.

Quem quiser aqui fazer fortuna é pertencer áquella classe de gente.

Compõe-se ella na maior parte de titulares, fidalgos e cavaleiros modernos, é seo costume entre nós impôr sempre, e dar a si e aos seos conhecimentos uma largueza espantosa, apresentando como documento, não só os seos titulos, como tambem qualquer accão de que tenha recebido louvor, embora muito pouco merecido.

E' vaidosa ao excesso, e convicta do valor da sua grande intelligencia, não admite a critica de ninguem, e chega ao ponto de ridicularizar aquelle, que lhe faz a mais minima observação.

E' hoje uma verdade incontestavel, ser essa gente a que mais predominio tem na sociedade do actual seculo das luzes.

Quando lança mão da pena, julga atemorizar todos e subjuguar com o seo talento aquelles, que aliás com imparcialidade lhe notão querer, não direi *erro*, mas ou menos falta que por ventura se lhe note em suas producções; e quer immediatamente iudemnisa-los com a sua resposta de que: *está collocado mais alto do que os que o gridem*, como se a critica fosse offensa individual.



Ahi vem cousa!... Oh! é a minha engommadeira!...



Quero, quero ! Já disse, não attendo a observações.



Cura pela camphora, oh ! se cura.



Eu não hei de capitular minha comadre  
quero morrer com a bacia na mão.



MAITRE BATON.  
Musica de viagem podendo-se cantar em todas as linguas,  
os cantores abreem a boca, a musica faz o resto.

Tudo leva portanto a crêr que o *parvenu litterario* —, como lhe ficaremos chamando, é uma figura digna da analyse da nossa sociedade.

Estas razões quasi que nos resolverão a tomar esta semana a penna para discutir este assunto na chronica do *Merrimac*.

Porém no proximo numero, contamos dar uma exposição mais minuciosa da personagem de que falhei, publicando mais ou menos a sua historia.

Nem eu sei que mais deve ocupar esta semana o espaço guardado para a chronica do *Merrimac*.

E' facto, eu tenho ultimamente tomado medo a escrever para o publico, temendo enganar-me nos complementos *directos e indirectos*.

Infelizmente não temos *casos* nesta nossa lingua, porque então eu determinava-os de tal maneira, que tinhamos um padre no nominativo e um fidalgo no accusativo, e depois analysava-se com perfeição pelas terminações.

E' por essa razão que os antigos Romanos tinhão os seus *Homens de Merito* n'uma ordem mais nomenclatrica.

Emfim eu como não posso usar dos *casos* quasi que nem sei por onde começar.

Espera, agora me lembra que chegou na semana ultima, o paquete do *velho mundo*.

Não ganhei porém cousa alguma com semelhante lembrança, porque, se os *pelotiqueiros* politicos daquelle mundo, fizerão alguma vez menos evoluções, foi de certo na quinzena primeira de Outubro.

O grande politiqueiro mestre, o homem de borracha, fez um grande discurso á companhia sobre a distribuição dos ganhos dos ultimos annos, e conveniencia de começarem agora os trabalhos de maneira diametralmente opposta aos antecedentes.

Fallou muito, muito... e até mesmo fallou bem, porém os pobres artistas, que nada entendem de linguagem classica, disserão todos que elle tinha muita razão, mas até hoje tem dado voltas ao miolo para saberem o que o *mestre* quiz dizer.

Os mais entendidos, taes como os nossos conhecidos acrobatas Alexandre, Frederico, Victor, Luiz, Christiano, e as amazonas Victoria e Isabel, tem entre si discutido, assim de decidirem se todo aquelle *aranzel do mestre* não dará em resultado, elle abalar com a caixa d'associação e dividir as economias dos outros pelos seus parentes que são tão numerosos.

Eu cá por mim estou desconfiado da mesma cousa.

Li o que o homem disse, porém... porém... não sei o que quiz dizer.

Eu por mim não me admiro, porque sou pouco versado em *gymnastica*, porém os outros que trabalhão ha annos, admira que deixem emballar por toda aquella patacuada.

Hoje o circulo das evoluções é na Polonia, e aquella gente que dizem os americanos estão muito atrazados em civilisação, dão por lá taes cambalhotas, que eu estou vendo que em pouco tempo acabão com a população da Europa.

Se a civilisação ensina assim a degollarem-se e a enforçarem-se uns aos outros, que a leve o diabo.

Ao menos por cá não sei se é por haver pouco progresso, respeitemos a vida dos nossos semelhantes.

O nosso Alexandre, o homem mais humano que tenho conhecido, trata o povo polaco pelo sistema orthopedico.

O *Pantaleão*, que quer passar por grande cirurgião, em vista da sua grande clientella, vê o outro quebrar braços e pernas, e não vai emendar a operação, o que prova exuberantemente que tem medo da sciencia do outro, e assim deixa morrer os pobres mutilados, querendo sempre passar por grande amigo da humanidade, desculpando-se com a falta d'instrumento e trabalhos de outras operações de cuja cura eu ainda duvido.

E' um quadro digno de merecer a attenção de todo o mundo.

Alexandre consentio que o outro se apropiasse de uma pro-

priedade sem documentos, e o nosso *Pantaleão* quer-lhe pagar, consentindo que elle tambem roube, uma propriedade para cujo roubo lhe é necessario matar até o ultimo herdeiro.

Olhem é que agora assim, o negocio faz rir.

Occupão-se os tribunaes lá no velho mundo, a condemnar um homem porque matou outro, muitas vezes com razão, e para darem o exemplo, abrem no meio da Europa um circulo em que os humanos se matão, mas não em guerra franca, não senhor; esfolão-se, enfrocão, etc., etc.

E que tal?

Não estamos mais adiantados que no tempo do Imperio Romano.

Nesse tempo lançavão-se os escravos ás feras deshumanas; e agora lanção-se os velhos, as mulheres e as creanças ás feras, porém humanas.

Se mudamos na forma, pelo menos na essencia creio que não.

Nem eu tenho mais coragem para continuar sobre o assunto.

Não me parece que taes noticias possão convir para progredir: pelo menos naquelle genero; porque se assim fosse, mais dias menos dias, andavamo por ahi aos sopapos pelas ruas.

Deos nos livre, amen!...

Fallemos de cousas que nos dêm mais conhecida utilidade.

Por exemplos de theatros.

Quanto a companhia lyrical, vejão-na por um oculo, ou esperem pelo balão do Nadar para irem a Paris vêr a Lotti e a Lisboa o Mongini e voltarem em duas horas.

Por cá, meos leitores!.. esperão em vão, o barracão pedio a demissão do Lyrico, e está hoje feito-Circo Equestre Gymnastico.

Pobre paiz! pobre governo!... pobre theatro!...

E no entanto mesmo pobres, todas tres tem enchedo a bariga a muito barão, e a muito especulador.

Um dos ultimos conheço um que a barriga já com palmo e meio.

Do regimento do Gymnasio, quer aquartelado em S. Francisco, quer no campo d'Acclamação, já não digo nem uma só palavra.

Silencio profundo...o que traduzido quer dizer: andarão perfeitissimamente.

E' verdade que eu podia responder-lhes.

Sem fallar não pôde a gente  
Causa alguma avaliar;  
Nem prohibe a lei moderna  
Grandes mestres criticar.

Mas nada: não quero, está dito.

Deixa-me meter o nariz no S. Pedro, porque esse é modesto e não dá cavaco.

O theatre anda em barulho com o *corsario*, que sempre é gentinha dos diabos.

O publico porém deve ir vêr, que merece a penna.

A direcção não se poupou a esforços, e o desempenho, das mudanças se na extençao da palavra não foi bom, foi muito regular.

O grande numero de personagens que entrão no drama, deo causa a pisarem no palco, alguns que ignorão completamente a arte.

O drama, vamos dize-lo com franqueza, não estava, segundo nos disserão, muito bem ensaiado, mas com duas representações mais ficará melhor, porque produzirá grande effeito sendo bem desempenhado.

Do bom S. Januario tambem nada digo, não é por medo porque elle está velho: mas porque vive na maior mansidão sem dar o mais minimo encommodo á policia.

Serve hoje de deposito de roupa suja.

Ao menos o governo que lhe dê tambem um subsidio.

N'esta semana temos que dizer duas palavras sobre o nosso

sempre estimado mestre Bartholomeo, a quem Deos guarde.  
No sabbado 5 do corrente, deo-se no Circo Olympico um beneficio a favor dos portuguezes de Cabo-Verde.

Não é lá porque o mestre Bartholomeo me mandasse dous bilhetes que eu não digo mal d'elle, não senhor, mas é porque na verdade a cousa esteve boa.

Segundo o meu parecer a companhia de mestre Bartholomeo é tão digna de louvores, como a desses *Fraldiqueiros americanos*; afianço-lhes que as evoluções gymnasticas, os volteios, os saltos aéreos, etc., etc., são muito bem desempenhados.

A idéa dos que offerecerão o beneficio é para mim de tão respeitável consideração, que eu desisto de fallar n'isso no *Merrimac*, porque o logar é improprio.

Olhe que fiz um grande elogio ao nosso *Merrimac*, não tem duvida !...

Eu por minha parte declaro que prefiro quem diga mal de mim, pois me acho eollocado superior à posição dos meus offensores; creio que comprehendem, e o *Merrimac* não se pôde offendere.

Já basta: vamos ao assumpto.

Estamos chegados ao anno bissexto, isto é, aos clubs, com mais quantidade, porém que nem sempre tem mais validade.

Na rua d'Ajuda houve questão forte e o bom do mestre Martin não fez caso do negocio, porque teve medo que lhe fossem á carépa.

Mas lá me ia esquecendo dizer quem foi o motor da questão; pois, senhores, o cantor Fiorelly, que quiz (segundo o termo por elle empregado) *casser le né au monde de Rio* — porém le monde de Rio, assim como é bom para lhe dar de comer, foi igualmente bom em lhe ensinar a cantar, porque estou (aqui para nós) que o Fiorelly nunca aprendeu a cantar.

Quer o publico vêr quanto vale?... quer castigar o Alcazar? não vá lá mais, e verá a prôa do mestre Arnaud batendo contra os rochedos e despedaçando-se.

O El-dorado tambem se acha n'outra dansa quasi semelhante com a eximia artista (não lhe sei a nação) *Amelia de tal*.

Olhe que aquillo em belleza e talento não tem quem lhe ganhe.

Amelia cantou muito mal, o publico declarou-o franca men'e, porém o mestre (porque não lhe quero chamar maestro que isso offendaria a classe musical) segundo lá o seo compasso cantou ella muito bem e portanto quiz defendê-la; e quando o quizerão reprehender, respondeo que era *francez e que só indo o consul acudiria ao chamado da autoridade*.

E que tal? de maneira que podem-se quebrar cabeças sem licença do consul, porém não se pôde pegar um homem sem sua licença.

Sim, senhor, vamos muito bem.

E o que é mais bonito, é que a autoridade concordou perfeitamente n'uma cousa que eu julguei quasi impossivel.

Note-se que mestre Brisson andou n'este negocio como bom cavalheiro, fazendo vêr ao maestro que devia ceder.

Seja isto dito para honra dos emprezarios futuros.

Sempre lhes vou dar uma noticia; é que grande numero de acontecimentos vão ter logar no Aleazar e El-Dorado, e eu vou estudar o negocio sobre *cartas calcões Risette* etc., para poder dar uma analyse succinta; mas já lhes assevero que os hei de daguerreotipar com exactidão, para cujo fim já tenho alguns esclarecimentos.

Hade ser uma historia bonita, não tem duvida.

E... e... que mais? só isto, porque tenho já fallado de todos os acontecimentos theatraes e spectaculos, ou como lhe querão chamar, divertimentos publicos.

Conta-se que vamos ter mais um, que será denominado — *El-escuro* — com escriptorio em casa da Sra. *Thié*.

Eis o que ha de novidades lyricas, dansantes, dramaticas, physicas, e etc., menos maritimas.

Socialmente fallando, não sei que hajão grandes acontecimentos a não ser os que passo a citar.

Revolta em casa de um subdelegado.  
Proxima quēda em bancarrota aberta de um negociante matriculado.

### Versos truncados.

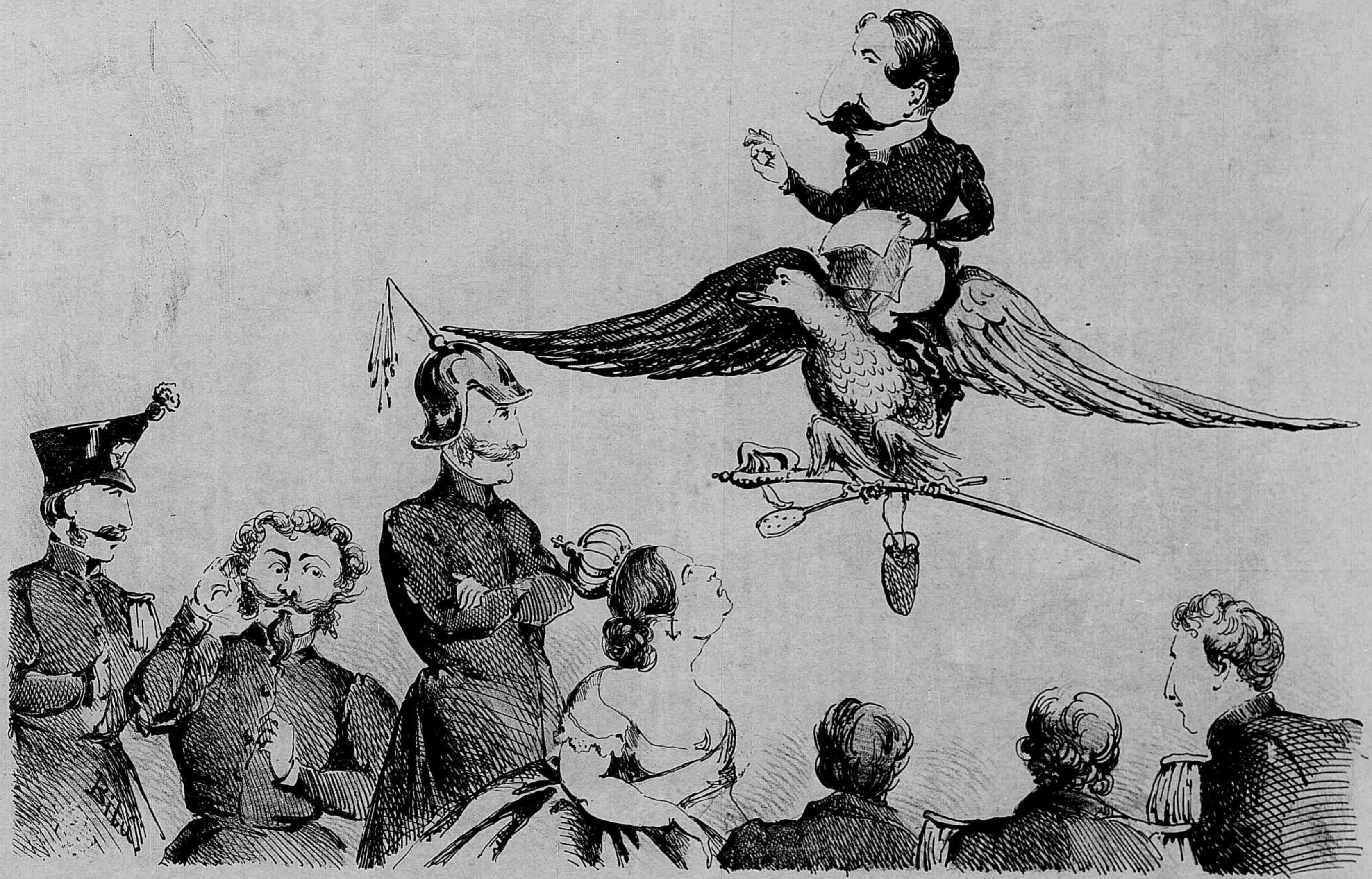
Um dia Julia colhia  
No quintal lindo jasmim,  
Eu a ella aproximei-me  
E logo fallei-lhe assim :  
Dai, oh! Julia, esse jasmim  
A quem a vida te deu  
Amor, alma e coração.  
— A quem, Sr. João,  
Diz Julia toda espantada,  
— A mim?  
Deixa o meu pobre jasmim,  
Que não é para o senhor, não!  
— Dai-me Julia esse jasmim,  
Lhe disse então despeitado.  
Procuro o jasmim roubar,  
Mas ella tropeça e cahe,  
E logo começa a gritar.

Chega o pai e a madrinha  
— Ha de casar, meu senhor,  
Ha de casar, oh! pois não,  
Ha de casar com Julinha —  
Ou um dote a minha filha  
Ha de em continente dar??  
Um dote por um jasmim!  
— Sim, senhor, logo diz Julia  
— Machucou o meu jasmim  
Essa flor tão delicada  
Que trazia junto a mim!  
— Do senhor prefiro o dote  
Casar-me não quero, não,  
Se machucou-me o jasmim  
Outro têm meu coração.  
— Antes quero, bella Julia,  
Offertar-te a minha mão  
Quando não outro virá  
Machucar-te o coração.  
E Julia toda faceira  
Replicou mui feiticeira:  
— Oh! pois não!

Tivemos muitos filinhos  
E o meu caro Serafim?!  
Brincava sempre com flores,  
Com preferencia o jasmim.  
E me dizia, inocente!  
— Eu, papai, machucarei  
A todas as flores, sim?  
Mas nunca hei de maltratar  
Ao meu lindo jasmim.

VIANNA JUNIOR.

### Rio de Janeiro.



A arenga poltica pouco convence. O mestre fallou bem, mas não persuadio. Tempo perdido.